

## VERGONHA COMO BENGALA PARA PROBLEMAS NÃO-RESOLVIDOS; CIRCUNSTÂNCIAS APARENTEMENTE FAVORÁVEIS DA INFÂNCIA TÃO OBSTRUTIVAS QUANTO DOLOROSAS.

Saudações, queridíssimos amigos. Bênçãos para todos vocês. Abençoados sejam os seus esforços, o seu progresso, e a sua vida como um todo. Que a palestra desta noite possa mais uma vez ajudá-los a dar mais um passo no caminho. Talvez ela também possa ajudar alguns novos amigos a entrarem neste caminho, embora o teor desta palestra tenha por objetivo principal atingir as áreas interiores e níveis da personalidade que já foram descobertos ou que estão prestes a serem descobertos nessa profunda busca do autoconhecimento. Portanto, é bem possível que, para aqueles de vocês que ainda não atingiram esses níveis profundos, estas palavras não façam sentido, pareçam repetitivas ou até confusas. Mas eu garanto que, depois que vocês atingirem esse nível interno de reconhecimento, estas palavras serão enormemente proveitosas.

Para todos os meus amigos que estão no caminho, quero dizer que todo esforço, por mais que naquele momento ele seja despendido com desânimo ou com uma sensação temporária de impotência, será fatalmente coroado de sucesso se vocês perseverarem. O que agora pode parecer uma derrota em breve mostrará ser uma vitória, vocês verão que é absolutamente necessário passar por esse período que parece difícil. Lembrem-se, não é difícil por causa desse trabalho, mas sim por causa dos seus problemas não resolvidos que ainda existem. Nunca é demais vocês repetirem para si mesmos, como um lembrete constante, que a consciência é a chave – tomar consciência do que existe em vocês no momento. Meus amigos, em um ou outro aspecto, vocês ainda não têm consciência suficiente do que de fato os incomoda. Se vocês perceberem isso, vão saber como caminhar na direção certa. Não vão mais ficar desesperados, pois vão ver o elo que falta e, dessa forma, deixarão de se sentir confusos e perdidos. Essas palavras se aplicam a muitos de vocês.

Esta noite eu gostaria de abordar dois tópicos específicos que a princípio vão parecer não relacionados, mas é claro que estão, e vamos procurar identificar a ligação entre eles. O primeiro tópico é a vergonha. Já falamos sobre esse tema no passado em alguns contextos, como a vergonha do eu superior ou a vergonha de algumas deficiências. Hoje eu vou falar sobre esse tema de um ponto de vista muito específico.

Quem segue este caminho chega a um ponto em que descobre algumas áreas que tem vergonha de admitir até para si mesmo. Pode ser vergonha de defeitos, mas nem sempre e não necessariamente. Aliás, vocês podem ter tanta vergonha de necessidades perfeitamente legítimas quanto têm de defeitos, ou de dons. Em primeiro lugar, vocês não tem ciência nem mesmo da existência dessa vergonha. Leva um bom tempo e requer muito esforço tomar consciência de algumas facetas das quais têm profunda vergonha de admitir e que encobrem com um simulacro do oposto daquilo que os envergonha.

Devagar mas firmemente, à medida que o trabalho do caminho avança no rumo certo, vocês aprendem a encarar a vergonha apenas para si mesmos, já que ainda não estão prontos para revelá-la aos outros. Quando chegam a essa fase, já foi eliminada uma certa dose de autoengano. A vergonha pessoal de cada um e o correspondente disfarce podem variar. Mas seja qual for, quando vocês ficam frente a frente com esse aspecto, é preciso muito esforço e coragem para admitir o que até então era inadmissível. Depois que essa luta é vencida, a pessoa obtém uma dose considerável de liberdade e tranquilidade interiores. É importante lembrar que essa vitória raramente ocorre em uma única luta. Pode ser necessário repetir o processo, porque a psique não está pronta para encarar de uma só vez todos os seus fingimentos. O grau de eliminação do disfarce para si mesmo, e o enfrentamento daquilo que era considerado vergonhoso demais para ser admitido, determina o grau concomitante de tranquilidade e conforto emocionais. Quem já atingiu o ponto dessa admissão para si mesmo consegue identificar com exatidão sua vergonha, seu disfarce, seu engano. De fato, já deu um grande passo no autoconhecimento. Nem é preciso dizer que está muito à frente da pessoa que ainda não está consciente de sua vergonha e disfarce e que, por isso, pode acreditar que nada tem a esconder.

Mas em seguida vem um novo passo. Com esse novo passo, vocês descobrem um meio maravilhoso de medir a sua libertação. O grau de tranquilidade e conforto emocional com que vocês podem falar agora de sua vergonha com seu Helper indica a liberdade interior. Mas muitas vezes esse importante marco do caminho não recebe atenção, porque algumas admissões foram interrompidas e seu real significado foi gradualmente esquecido. Mesmo que essas admissões tenham sido feitas numa determinada ocasião, o disfarce continua a mostrar-se ao mundo exterior, bem como parcialmente ao eu, porque a admissão parcial não foi plenamente investigada.

Gostaria de dar um conselho específico a esse respeito. Em primeiro lugar, mantenham a atenção voltada para essa direção. A primeira etapa desse trecho específico do caminho é tomar consciência do que, até agora, vocês esconderam de si mesmos. Depois de fazer isso até um certo ponto, perguntem a si mesmos se utilizaram essas descobertas ou se deixaram que elas voltassem a ficar enevoadas. A verdadeira liberação não pode vir com meias medidas. Fazer com que o reconhecimento consciente se torne outra vez meio consciente tem uma razão específica, meus amigos, é que talvez vocês ainda não estejam prontos e suficientemente livres para verbalizar a outra pessoa – o seu Helper – essa mesma vergonha que vocês finalmente admitiram para si mesmos. E como não podem obrigar-se a fazê-lo, vocês tornam a deixar a questão no escuro. Ela volta a ficar indistinta. Seria muito melhor e muitíssimo mais construtivo vocês admitirem para si mesmos: “ainda não consigo revelar e discutir esse ou aquele aspecto da minha personalidade.” Não se forcem, porque se isso acontecer, a ansiedade e o sofrimento serão uma consequência tão forte que pode neutralizar o benefício. Quando existem essas tentativas de forçar, é inevitável apresentar a questão de uma maneira ligeiramente distorcida, inverídica, matizada. Portanto, o ganho é questionável. Com isso, vocês se sentiriam culpados o que, por sua vez, geraria novos problemas no relacionamento com o Helper. E isso é mais prejudicial do que admitir simplesmente “ainda não estou pronto para me revelar.” Quando fazem essa admissão, vocês são sinceros. Não usam força demais. Não geram culpa e, portanto, ressentimento. E avaliam a sua posição interior. É infinitamente melhor do que adotar uma autodisciplina aflitiva, cheia de senso de dever fazer algo sem estarem ainda prontos.

Façam uma verificação na revisão diária: “Este ou aquele fator me provoca constrangimento. Não me sinto à vontade para falar sobre ele.” Aceitem esse fator, ao invés de, como é frequente, não querer encarar essa restrição e, portanto, não encarar o significado dessa falta de liberdade. Dessa maneira, vocês deixam de ver o que é muito importante ver – em que ponto vocês estão, até onde

avançaram, o que resta a fazer para se libertar da vergonha e do fingimento? Aceitem essa restrição, essa inibição, e digam a si mesmos que talvez dentro de uma semana, um mês, um ano, vocês poderão chegar a esse ponto. Mas enquanto isso, continuem a observar esse fator; talvez, gradualmente, aos pouquinhos, sem disciplina rígida, vocês acabem revelando mais do que pretendiam. No início, vão se sentir desconfortáveis e ansiosos, constrangidos e inibidos, mas cada vez vai ficar mais fácil. De repente, vocês verão que toda a vergonha era uma ilusão, à medida que ficarem interiormente tranquilos com a livre expressão do que parecia tão vergonhoso. Esse é o seu gabarito da libertação.

Aconselho todos vocês a pensarem nessa parte específica do caminho. Vocês sabem do que têm vergonha? Se não sabem, ainda precisam descobrir. Se sabem, até que ponto vocês atacam plenamente a questão? Façam um autoexame, sozinhos, e investiguem mais fundo, trazendo à tona a raiz da vergonha. Não procurem encontrar de imediato razões e respostas, explicações e justificativas. Basta admitir que tal aspecto provoca vergonha em vocês. Escrevam, com palavras precisas e exatas, o que é e por que vocês sentem que precisam se envergonhar. A resposta comum é sempre o medo de parecer menos aos olhos dos outros, ser menos digno de amor e respeito, o receio do menosprezo e da humilhação. Mas esse fato geral precisa ser especificamente constatado e reconhecido conforme se aplica a vocês. Depois disso, pensem até que ponto vocês são capazes de falar sobre a questão. Se conseguirem, observem com que liberdade interior o fazem, talvez a essa altura apenas até certo ponto. Mantenham a consciência desse problema. Não forcem a revelação indevida (no princípio pode ser necessário forçar um pouco), mas se vocês decidirem esperar, não esqueçam a questão. Enquanto isso, continuem a observar as reações diárias com respeito à questão. Podem ter certeza de que um problema não resolvido, profundamente arraigado, tem uma relação direta com a vergonha, a inibição e as desarmonias do dia-a-dia. Os problemas afetam essa faceta, direta ou indiretamente. Eles precisam ser observados e reconhecidos na sua relação com a questão.

As sessões particulares podem ser uma oportunidade de abrirem um pouco mais essa porta. A cada vez, vocês vão achar mais fácil discutir o que, anteriormente, era inadmissível. Depois de cada sessão, observem as suas reações – quanto vocês avançaram na revelação de si mesmos em comparação com outras ocasiões, e quanto vocês ainda falsificam e apresentam sob uma fachada diferente, por mais sutil que seja? Talvez uma boa maneira de começar seja falar com o seu ajudante que vocês ainda têm essas restrições e por enquanto não querem ou não podem eliminá-las. Assim, vocês podem tocar na área geral que provoca vergonha, sem entrar em detalhes por enquanto. Isso pode preparar o caminho e criar o clima adequado. Nem é preciso dizer que o “inadmissível” se aplica muito menos a determinados fatos do seu passado que vocês não querem que sejam conhecidos e muito mais a um disfarce emocional, a uma falsificação da personalidade. Esse último elemento é infinitamente mais importante e mais prejudicial.

Vocês não sabem como essa abordagem é importante para o seu progresso e a sua saúde interior. Também quero aconselhar aqueles que são Helpers de outros para terem consciência desse fator, não apenas neles mesmos, é claro, mas também como uma dificuldade das pessoas que estão ajudando. Os Helpers devem se lembrar que, na medida em que ainda não estão livres a esse respeito, nessa mesma medida não podem esperar liberdade e autorrevelação por parte das pessoas que ajudam. É muito importante lembrar que vocês não devem se “chicotear”, ou seja, forçar e rejeitar a si mesmos, condenando-se se não obtiverem sucesso; ao contrário, observem tranquilamente em que pé vocês estão nesse aspecto específico.

Se alguém alegar que não existe nenhuma área em seu íntimo sobre a qual não possa falar livremente, sentindo-se à vontade, eu digo que é porque essa área ainda não foi descoberta. Essa pessoa ainda não enxergou até que ponto continua vivendo inibida e se autoenganando. Se vocês descobrirem que ainda não foram tão longe quanto pensavam, por causa dessa restrição, não se sintam mal, porque se procederem da maneira que aconselhei, aceitando a situação presente e trabalhando de maneira descontraída, com autoaceitação, não é preciso haver compulsão, nem culpa, nem impaciência consigo mesmos – apenas reconhecimento.

O segundo tópico que gostaria de abordar é algo que ainda não examinamos de fato, apenas de passagem em diversas ocasiões. Durante muito tempo, nessa tarefa de entender e resolver imagens, equívocos, atitudes doentias distorcidas, em resumo, tudo que gera problemas na vida de vocês, nós nos concentramos em acontecimentos e situações infelizes e dolorosos da infância. Vimos que essas situações e acontecimentos foram responsáveis pela criação de condições psíquicas que prejudicam o desenvolvimento pessoal. Vimos que as mágoas e frustrações na infância deram origem a problemas profundamente arraigados na personalidade. Agora eu gostaria de dar relevo exatamente ao conceito oposto. Fatores aparentemente favoráveis e positivos na infância podem ser igualmente responsáveis por distorções interiores.

À primeira vista, isso pode parecer totalmente impossível, pois é o oposto do que se acredita atualmente. Mas vamos examinar a questão um pouco mais de perto. Vocês podem notar que eu disse condições aparentemente favoráveis. A avaliação do homem do que é bom ou mau, construtivo ou destrutivo, certo ou errado, está associada muitas vezes ao que é naquele momento agradável ou desagradável, por um lado; e por outro lado, ao que está de acordo com valores temporários, impostos de fora. Por um lado, o homem pode considerar uma coisa construtiva e boa porque é agradável para ele. Por outro lado, pode considerar certo o desagradável, por estar de acordo com esses sistemas de valores impostos de fora, arbitrários, que tantas vezes a humanidade adota.

Já mencionei algumas vezes a diferença entre valores eternos em contraposição a valores temporários. Os valores temporários podem permanecer iguais durante séculos e mesmo assim são considerados temporários devido à sua natureza, porque estão de acordo com avaliações não eternas. Eles passaram a existir devido às necessidades de uma civilização específica e da relativa incapacidade da humanidade de compreender os valores eternos. Essas necessidades são ditadas pelas condições em que vive a sociedade em questão. Exercem um papel nesse caso fatores sociais, econômicos, políticos; a geografia também influi, bem como o tipo de espírito predominantemente encarnado naquela sociedade. Por exemplo, os valores diferem drasticamente no patriarcado e no matriarcado. Diferem numa monarquia e numa democracia. E muitos, muitos outros fatores contribuem para compor o sistema de valores de uma sociedade. Por causa da inclinação e do comodismo dos homens, eles seguem sem pensar o que está estabelecido e conservam os valores muito depois que acaba sua utilidade temporária nas condições específicas para as quais esses valores foram criados. A separação do homem de si mesmo, sua falta de pensamento independente, fazem com que ele mantenha o que lhe é transmitido, sem pensar a respeito. Por essa razão é tão importante, neste caminho, questionar tudo o que vocês aceitam ou rejeitam, e descobrir os seus motivos próprios para agir assim. Somente dessa maneira poderão ser encontrados os valores eternos. Cada caso, cada incidente, cada questão precisa ser testada e investigada, questionada e respondida com sinceridade, com as convicções mais profundas da pessoa. É preciso examinar tudo a fundo. Então, e somente então, é possível realmente descobrir os atributos divinos, não porque todos dizem que é assim, porque a sociedade concorda, mas porque a pessoa, ela mesma, acha que é assim. Esses atributos divinos e

valores eternos são imutáveis em si mesmos, mas mudam constantemente em sua aplicação. Ocorre exatamente o oposto com os valores temporários. Os valores eternos muitas vezes desconsideram os temporários, e muitas vezes parecem ser iguais, embora sua atmosfera seja muito diferente, mesmo que o ato exterior seja semelhante. Amor, verdade, sabedoria, coragem, o que é bom e construtivo a longo prazo e portanto para todos os envolvidos, são as únicas considerações dos valores eternos. Descobrir essas considerações não é a mesma coisa que aceitar cegamente. Os valores eternos podem ser agradáveis e ir contra o sistema de valores temporários. E podem ser desagradáveis no momento e caminhar junto com o sistema de valores temporários. No entanto, se o homem age corretamente, mas com o intuito de obedecer os temporários desconhecendo os eternos, ele não estará em paz consigo mesmo. Em qualquer escolha e decisão pessoal, em questões importantes e sem importância, nos atos, na direção emocional e nas atitudes, o homem depende do fato de sua decisão derivar ou não de um ou do outro sistema de valores. Não existe fórmula. Atingir a identidade própria significa não alegar, e sim examinar, sentir e viver “é assim que as coisas são.”

O sistema de valores relativo ao tratamento dado às crianças passou por uma mudança drástica na sociedade de vocês nos últimos tempos. Até relativamente pouco tempo atrás, a restrição e a severidade eram a “maneira certa” aceita em geral. Portanto, os problemas não resolvidos do homem enquadravam-se nessas regras, e ele manifestava sua hostilidade reprimida sob pretexto de seguir o sistema de valores existente. Nos últimos tempos, as regras aceitas são permissividade, falta de disciplina, indulgência. Isso não significa que a hostilidade reprimida dos pais não seja comunicada aos filhos. Mas ao mesmo tempo esses novos fatores fazem com que os pais se sintam duplamente culpados. Em resultado, a indulgência e a permissividade são manifestadas aparentemente para anular a hostilidade e, assim, ficar de acordo com as regras. Exteriormente, isso pode ter a aparência de amor. Certamente, também pode existir amor verdadeiro. Mas na medida em que ele é diluído pela culpa decorrente da hostilidade que não é reconhecida, bem como pela culpa por não estar de acordo com os valores atuais, nessa medida a indulgência e a permissividade agradáveis geram muitas situações problemáticas na psique da criança, da mesma forma que as mágoas e frustrações.

Se os pais não tiverem como única motivação o amor com visão suficientemente longa para restringir, se necessário, sua culpa, as confusões interiores e a incapacidade de lidar com os problemas representados pelo filho provocarão uma perturbação interior. Para compensar falhas humanas comuns como impaciência, irritação, etc., a criança recebe uma quantidade excessiva de mimos e permissividade. A criança pode sentir isso como algo favorável e agradável no momento, porém o efeito negativo permanece. Também aqui não é o ato ou sua consequência isoladamente que provocam o dano, e sim a culpa, a confusão, o conflito nos pais. Um mesmo ato pode, em um caso, ter origem no excesso de indulgência e, em outro, em uma mente clara, sem confusões. O efeito sobre a criança depende dessa origem. Além disso, é a saúde ou ausência de saúde inerentes à criança que vão determinar se ela será afetada pelos problemas não resolvidos dos pais. Isso se aplica não apenas a mágoas provocadas, mas também ao excesso de indulgência agradável. Não haverá efeito negativo sobre a psique da criança se não houver problemas correspondentes.

Vamos examinar agora os efeitos específicos de circunstâncias aparentemente agradáveis, como permissividade, mimo, indulgência. A psique fica acostumada a isso, e quando mais tarde a vida não proporciona uma tolerância desse tipo, a personalidade continua desejando reproduzir as condições agradáveis que usufruiu um dia. Ela busca o que sentiu como amor durante a infância, muitas e muitas vezes, mas não consegue encontrar porque os outros, não sendo movidos pela culpa, não têm necessidade de compensar e, portanto, não têm necessidade de dar o mesmo tratamento. A im-

possibilidade de repetir o passado provoca mágoa, raiva e hostilidade. A insistência em contar com a proteção e o amor real, e também o pseudo amor desfrutados na infância está associada às mágoas e frustrações sofridas, e depende delas. Em outras palavras, assim como os pais podem exagerar na indulgência como substituto da irritação interior e da rejeição aos problemas trazidos pelo filho, também o filho pode usar a necessidade compulsiva de excesso de indulgência como substituto das correntes negativas nos pais que, inconscientemente, ele sentia – e às vezes até vivenciava externamente de maneira mais ou menos direta.

Agora chegou o momento, meus queridos amigos, de começarmos a examinar os aspectos da infância de vocês que vocês consideraram agradáveis. Foi preciso muita visão interior para vocês descobrirem as mágoas e a frustração. A criança pode achar que o que existe em sua vida é permanente. Se é magoada, pode sofrer, revoltar-se, mas continua sendo um fato aceito que a criança não consegue avaliar objetivamente. É uma atmosfera geral. O mesmo acontece com os aspectos favoráveis. A criança pode gostar deles, mas eles podem ser tão inconscientes quanto as mágoas. Ambos são aspectos da atmosfera geral que a criança não questiona, apesar do prazer ou da dor. Portanto, é preciso muita investigação e exame para tomar consciência específica desses elementos. A experiência do trabalho que já fizemos com relação às mágoas e à dor na infância será útil agora, pois facilitará a tarefa de tomar consciência do oposto. Mas essa tarefa requer atenção, concentração e autoexame. Depois de fazerem algum avanço nesse sentido, vocês vão descobrir como é importante entender a totalidade da sua personalidade atual, o grande papel que ela desempenha na sua constituição mental e emocional. Vão ver como vocês se esforçam para reproduzir não apenas aquilo que não tiveram, mas também o que tiveram. Em outras palavras, o homem não apenas procura corrigir suas carências passadas, mas também perpetuar aquilo que teve. E esse ângulo é grandemente menosprezado na investigação dos distúrbios psíquicos do homem.

Essas palavras são, mais uma vez, a prova de que a conduta não é o critério do ato certo e construtivo, mas sim as condições interiores, as motivações, e a unificação subjacente da psique. Em um caso, pode ser certo ser tolerante e permissivo, em outro pode ser certo restringir e até castigar. Aquele que deseja a existência de regras externas que possa seguir para saber que alternativa escolher em qual ocasião está necessariamente perdido e confuso, porque seus atos estão destinados ao fracasso. Mas aquele que conhece a si mesmo, que compreende seus problemas interiores, também saberá que conduta adotar mesmo muito antes de ter resolvido por completo seus problemas interiores. Uma pessoa assim está em condições de agir para ficar de acordo com os valores eternos. Isso se aplica ao tratamento dado às crianças e também a qualquer outro relacionamento humano ou situação humana. Sempre que existe essa confusão, é sinal de que está faltando o conhecimento do eu.

Portanto, meus amigos, examinem esse novo ângulo. Fiquem atentos para o seguinte. Na medida em que vocês não se sentiram amados, nessa medida o amor-culpa prejudicou vocês. Ambos exercem um papel, simplesmente porque as irrealidades psíquicas já estavam em vocês antes de nascerem nesta vida. Vocês vão ver que muita raiva e ressentimento existem não apenas por causa daquilo que vocês não tiveram, mas também por causa do que tiveram e queriam continuar a ter.

À primeira vista, talvez vocês não vejam a relação entre os dois tópicos de hoje e por que eu decidi falar deles em uma só palestra. Mas depois que os dois temas forem entendidos num nível mais profundo, a ligação ficará muito clara. Pode ajudar, meus amigos, se agora vocês puderem participar. Algum de vocês vê um elo entre os temas? Quem tem alguma ideia?

PERGUNTA: Acho que causaria muita vergonha não sentir gratidão pelo que foi feito com boas intenções se a pessoa não achou que foi bom ou se recebeu algo que não queria.

RESPOSTA: Isso pode ser verdade, mas eu não estava me referindo ao fato de alguém receber algo que não queria, e sim algo de que gostou muito, mas que talvez fosse tão inconsciente quanto uma mágoa. Eu não estava me referindo a algo que a pessoa não quisesse.

PERGUNTA: Quando uma menina ama muito o pai e deseja o mesmo amor de um homem, mais tarde ela pode sentir o amor pelo pai quase de uma maneira sexual. Nesse caso, ela quer o mesmo amor de um homem, mas não consegue, e pode sentir vergonha disso.

RESPOSTA: Esse é um bom exemplo.

PERGUNTA: Eu acho que, se os pais são negligentes em algum aspecto e, por causa da culpa, são muito lenientes quando o filho fica doente, o filho vai querer ficar doente para receber amor. Mais tarde, quando essa pessoa ficar doente, ela vai sentir decepção e mágoa ao não receber esse amor. Ao mesmo tempo, vai ter vergonha de usar a doença para receber amor.

RESPOSTA: Esse também é um bom exemplo.

PERGUNTA: A pessoa também pode se envergonhar porque lhe dizem que ela foi amada na infância, mas ela não sentiu isso.

RESPOSTA: Sim.

PERGUNTA: A vergonha está sempre relacionada com a culpa, não está?

RESPOSTA: Nem sempre. Elas podem estar juntas, mas também é possível sentir vergonha sem culpa e culpa sem vergonha.

PERGUNTA: Quando a criança recebe uma mesada e sente culpa por aceitá-la mesmo sem merecer, mais tarde sente vergonha ao receber um salário.

RESPOSTA: Nesse caso é preciso entender melhor por que existem a culpa e a vergonha por ter recebido mesada.

PERGUNTA: Eu sei um caso de uma criança adotada. Os pais deram a ela muita liberdade, estavam sempre admirando essa criança. Isso provavelmente aconteceu porque não havia amor verdadeiro. Mais tarde, quando essa criança estava mais ou menos com dezoito anos, ela ficou ainda mais exigente, e os pais não conseguiam satisfazer essas exigências. Acho que a criança tinha vergonha de não ter seus pais verdadeiros.

RESPOSTA: Pode ser. Esses são exemplos parcialmente bons. Essa participação vai ajudar vocês a assimilarem melhor. Vou mostrar a vocês, em princípio, a ligação entre os danos da experiência agradável na infância e a vergonha.

Quando um ser humano quer reproduzir condições prazerosas mais tarde na vida, isso indica o desejo de continuar sendo criança, estar no lado receptor. Indica cobiça e falta de responsabilidade por si mesmo. Isso pode ser inadmissível para alguns, principalmente aqueles que se orgulham de serem maduros e adultos. A maioria das pessoas quer ser tratada assim, mas deseja ao mesmo tempo as vantagens da idade adulta. O desejo de ser criança, bem como a raiva decorrente da frustração, inevitavelmente gera vergonha. Essa tendência muitas vezes contradiz totalmente o ideal imposto de fora, a fachada apresentada ao mundo e ao eu consciente. Como vocês sabem, a autoimagem idealizada nega todas as limitações. Ela finge que possui tudo que a personalidade sente que está faltando. O disfarce do eu idealizado é o cerne da questão. O disfarce não apenas esconde o que a criança achava que faltava em sua vida, mas também aquilo que ela teve e quer continuar a ter. Se vocês examinarem o eu idealizado, inevitavelmente encontrarão esse duplo disfarce. O oposto desse disfarce está por trás. Colocá-lo à mostra parece uma admissão terrível. Vocês não conseguirão descobrir a vergonha se não vislumbrarem o exato oposto do disfarce. O trabalho de vocês deve passar a incluir a consideração do exato oposto da autoimagem idealizada – todos vocês devem fazer isso agora. Esse oposto é necessariamente a vergonha, que também se relaciona com algumas circunstâncias agradáveis da infância. Talvez vocês tenham sido elogiados por qualidades reais ou parcialmente reais que vocês desconfiam que não possuíam tanto quanto seus pais achavam. Ou talvez vocês pensem que essas qualidades estão ausentes porque ainda estão muito diluídas nas várias dúvidas sobre si mesmos e vários tipos de distorções. Já falamos amplamente da autoimagem idealizada. Agora vamos olhar o seu oposto. Vamos descobrir seu significado específico e portanto o que seria, em essência, o seu contrário. É esse contrário que provoca a vergonha profunda e que também está relacionado com as condições da infância, tanto as agradáveis quanto as desagradáveis.

Se vocês realmente estudarem e destrincharem esta palestra, eu asseguro que a libertação e o progresso serão consideráveis. Trata-se, na verdade, do cerne do que provoca o sofrimento de vocês, o que os afasta da vida e de si mesmos, do que os deixa perplexos e confusos. Aqui vocês têm uma chave direta, meus queridos amigos, cada um de vocês, cada um à sua maneira. Para alguns isso ainda pode ser prematuro. Há muitos outros aspectos a explorar antes de poderem chegar a esse ponto. Mas nem sempre é uma questão de tempo. Às vezes, alguém que está no caminho há menos tempo pode descobrir alguns aspectos que outra pessoa só desvenda depois de um período mais prolongado de trabalho. Tudo depende do tipo de personalidade e das condições psíquicas, bem como da atitude da pessoa em relação a seus problemas. Seja qual for o ponto em que vocês estão agora, levem isso em consideração. O próximo ano de trabalho será muito importante e essencial se essa leitura for ao menos em parte entendida e assimilada.

Alguém quer fazer perguntas sobre esta palestra?

PERGUNTA: Se uma criança foi a preferida e tinha uma posição privilegiada, será que mais tarde ela pode inconscientemente reivindicar uma posição também privilegiada – querer consideração especial?

RESPOSTA: Sim, pode. Isso talvez seja totalmente inconsciente, pois pode ser diametralmente oposto ao eu idealizado. Se a criança tinha essa posição especial por ter sido um bom filho, essa bondade passa a ser parte integrante do eu idealizado. Bondade significa também autossacrifício e altruísmo. No entanto, isso vai contra a reivindicação de tratamento especial. Com essa confusão interior, muita coisa é reprimida, e quanto mais isso acontecer, menor é o esclarecimento. Quando essas diversas exigências interiores e atitudes são colocadas à mostra, há necessariamente um grande



esclarecimento, libertação, alívio. Vou lhe dizer uma coisa, meu amigo, você está no caminho certo, está quase lá. Com essa pergunta, com a luz que se acendeu por um momento agora, você quase já chegou. Então você também irá entender a sua imagem específica de Deus.

O amor flui para cada um de vocês. É uma força vibrante e real. Que todos vocês que fazem esforços valentes de autoexame percebam como são significativos e importantes esses esforços. Continuem, todos vocês! A vida vai agradecer a vocês por isso, mas não quero dizer isso no sentido de um Deus que distribui recompensas ou punições. As forças cósmicas com as quais vocês entram em harmonia mediante o autoexame honesto reagem de acordo com a lei, enquanto o autoengano e a falta de consciência não podem deixar vocês em harmonia com essas forças cósmicas. Sejam abençoados, todos, para que seus esforços contínuos sejam fortalecidos, e fiquem mais livres e mais felizes. Fiquem em paz, fiquem com Deus!

---

Os seguintes avisos constituem orientação para o uso do nome Pathwork® e do material de palestras:

Marca registrada/Marca de serviço

Pathwork® é uma marca de serviço registrada, de propriedade da Pathwork® Foundation e não pode ser usada sem a permissão expressa por escrito da Fundação.

Direito autoral

O direito autoral do material do Guia do Pathwork® é de propriedade exclusiva da Pathwork® Foundation. Essa palestra pode ser reproduzida, de acordo com a Política de Marca Registrada, Marca de Serviço e Direito Autoral da Fundação, mas o texto não pode ser modificado ou abreviado de qualquer maneira, e tampouco podem ser retirados os avisos de direito autoral, marca registrada ou outros. Não é permitida sua comercialização.

Considera-se que as pessoas ou organizações, autorizadas a usar a marca de serviço ou o material sujeito a direito autoral da Pathwork® Foundation tenham concordado em cumprir a Política de Marca Registrada, Marca de Serviço e Direito Autoral da Fundação.

O nome Pathwork® pode ser utilizado exclusivamente pelas regionais autorizadas pela Pathwork® Foundation.